

Resumo: A história da filosofia, entendida em suas fases históricas, foi sempre marcada por decisões e desconhecimentos. No primeiro caso, a opção por determinadas tradições ou pensadores definiu os grandes paradigmas em cada época. Platão, Aristóteles, Agostinho, Tomás de Aquino, Descartes, Kant, Hegel, Nietzsche são alguns nomes de filósofos “decisivos” quando se estuda ou se define os conteúdos a serem abordados nos manuais e cursos de Filosofia. No segundo caso, a decisão, como toda decisão, é recorte e, portanto, limite quando se trata de períodos amplos e complexos como é o caso do que se convencionou chamar de Idade Média. Período das “trevas”, da ignorância, de domínio da igreja católica, dos “santos” e das bruxas, etc. No entanto, um olhar atento e rigoroso sobre os textos produzidos, não somente por homens, mas mulheres, revela sempre muitas lacunas a serem exploradas e miopias suplantadas. Um exemplo disto é o conhecimento produzido pelas mulheres nos quase quinze séculos que separam o pensamento greco-romano e a filosofia moderna. Encobertas pelos aspectos doméstico e familiar que caracterizavam as relações sociais e políticas, as reflexões filosóficas, de muitas pensadoras, suplantaram os limites e estabeleceram visões universais de diversas ordens, dentre as quais, destacam-se a antropologia, a moral, a literatura, a medicina, a cosmologia, a teologia natural e arte. O conhecimento, nesse sentido, também foi entendido e desenvolvido como um modo feminino de reivindicar a liberdade pessoal e o direito de efetivar as várias potencialidades intrínsecas à natureza humana. Heloísa de Argenteuil, Hildegard Von Bingen e Christine de Pizan são pensadoras que estabeleceram, de modo radical, o que poderíamos chamar de um “olhar feminino” sobre o conhecimento. O objetivo dessa mesa é, assim, apresentar os pensamentos dessas três mulheres que fizeram da filosofia um espaço de liberdade e criação.

Palavras-chave: Mulheres; Filosofia; Idade Média; Conhecimento.

EXPOSIÇÃO DE DEUS ANTES DO ESPÍRITO FINITO? UMA VEZ MAIS A RELAÇÃO ENTRE *CIÊNCIA DA LÓGICA* E *FENOMENOLOGIA DO ESPÍRITO*

Prof. Dr. Arthur Grupillo Chagas²⁴

²⁴ Professor do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Sergipe.

Resumo: Se, em Hegel, por um lado, a natureza não constitui um verdadeiro estorvo ao desenvolvimento do espírito, mas antes também a sua ocasião, por outro lado é imperioso demarcar obstáculos encontrados, justamente, numa investigação sobre os momentos de contingência contra os quais a lógica de Hegel estaria inevitavelmente represada. Tal questionamento logra partir do clássico problema da relação entre a lógica, ciência que supostamente consome o saber absoluto, e a fenomenologia do espírito, experiência vivida e narrada da consciência até o conceito deste saber. Comparando interpretações que diagnosticaram o mesmo problema, não é possível encontrar outra saída, se não interrogar a própria ideia de que o projeto moderno possa ser radicalizado. Contingências demasiadas se impõem entre o sujeito que filosofa e tudo que ele tenta examinar e repor criticamente. Resiste ainda a religião? Prossegue ainda, mesmo nos termos filosóficos de uma intuição intelectual? As desilusões com a filosofia de Hegel são também desilusões com o conceito de uma modernidade absolutamente crítica e autofundamentada. Se é neste sentido que persistem a natureza e a matéria, para os jovens hegelianos, também é neste sentido que a religião recupera, pelo menos em parte, a importância aparentemente perdida.

Palavras-chave: Hegel; Ciência da Lógica; religião; Fenomenologia do Espírito.

BACON E OS ARTÍFICES DA MEMÓRIA

Prof. Dr. Edmilson Menezes Santos²⁵

Resumo: A modernidade, em especial o século XVII, identifica determinados usos da memória que merecerão um reexame do emprego de suas funções [falamos mais especificamente de uma arte da memória], destituindo aquela faculdade de seu aspecto mágico, sobrenatural e classificando-a entre as competências intelectivas cujo papel é associado a certa potência cognitiva. Embora considerada uma faculdade que abrange um conjunto de funções ativas, características dos seres vivos, uma resposta funcional, e, muitas vezes, complexa, que permite a organização da ação, a memória recebe, conforme Bacon, um tratamento que limita e, em muitas ocasiões, coloca essa capacidade numa posição puramente exuberante e, por isso,

²⁵ Professor do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Sergipe.